

PIMENTA NA LÍNGUA



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.

ESTOMOTOLOGIA, MEDICINA DENTÁRIA E BÍBLIA: QUE RELAÇÃO?

Frei Herculano Alves, nós, médicos dentistas, passamos o tempo a mexer na boca dos doentes. É claro que a boca tem vários órgãos: os dentes, a língua. Que tem a ver a boca com a Bíblia?

H. Alves: É claro que não vamos aqui tratar a boca com todos os seus órgãos – pois até já tratámos dos dentes. Mas vamos tratá-la apenas no seu todo, como se de um único órgão se tratasse. Nesta nossa conversa, vamos ver que, na Bíblia, a boca é um dos órgãos essenciais dos seres humanos. Queremos dizer com isso que a boca é o órgão fundamental da comunicação entre nós. Ora, se o ser humano é, por natureza, relacional, que está em ligação permanente com os outros, que aconteceria que alguém nascesse sem boca? Nessa hipótese, como poderia comunicar com os outros? Daqui se conclui que a fala é – com a mastigação – a função fundamental da boca.

Mas o que diz a Bíblia sobre a boca, em concreto?

H. Alves: Em concreto, a Bíblia apresenta-nos as duas funções essenciais, que conhecemos: a boca é o órgão da mastigação e da fala. Sem boca, não poderíamos alimentar-nos normalmente, nem poderíamos falar. Mas a Bíblia é um grande conjunto de livros que não pretende ensinar ciências naturais ou médicas, mas pretende, antes de mais, falar às pessoas, numa dimensão que poderíamos chamar catequética, de tipologia espiritual. Isto significa que, em qualquer assunto humano, mesmo do dia a dia, a Bíblia pretende alertar para a dimensão espiritual da pessoa, na sua relação com Deus – dimensão vertical de qualquer ser humano; e na sua dimensão horizontal – em relação com os outros.

De facto, todo o ser humano (normal) tem, no mais íntimo do seu ser, estas duas “janelas” abertas: uma para o Alto, para o Infinito e outra para o lado, para o seu próximo. Mas o drama humano reside aqui: tem a liberdade de fechar estas janelas, isolando-se num egocentrismo mortífero dos grandes valores humanos e cristãos. Este é também o drama da sociedade atual onde contam apenas os valores materialistas.

E a boca em qual destas “janelas” se encontra?

H. Alves: A boca tem a ver com estas duas janelas, como veremos sucessivamente. Primeiramente, será útil saber os termos hebraicos e gregos da Bíblia, que traduzem aquilo que, em português, chamamos “boca”. Os termos principais são; em hebraico, *peh* e, em grego, *stoma – tos*. Daí vem o nosso termo “estomatologia”. Estes termos hebraicos e gregos da Bíblia dão conta de 357 presenças da “boca”, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Portanto, não se trata de um órgão de somenos importância. Mas, no contexto bíblico, esta importância não tem muito a ver com os estomatologistas, mas com os moralistas e os catequistas. Quero dizer com isto que a boca aparece a maior parte das vezes em sentido metafórico e com uma finalidade claramente espiritual. Lendo as frases em que aparece a “boca”, numa qualquer concordância bíblica, notamos logo que a boca não aparece tanto em sentido material – na função do comer – mas como expressão da fala e esta última como expressão do que vai no coração da pessoa; e o que vai no coração é interior a cada pessoa. Alguns simples exemplos:

O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração. (Lc 6,45)

Jesus também não foi nada benevolente com os fariseus, quando lhes disse:

Raça de víboras! Como podeis falar de coisas boas, se sois maus? Porque a boca fala da abundância do coração. (Mateus 12,34)

Frequentemente, em vez de boca, diz-se simplesmente os lábios, que, de facto, são um órgão importante da fala:

O Senhor disse: Este povo aproxima-se de mim só com palavras e honra-me só com os lábios, pois o seu coração está longe de mim e o culto que me presta é apenas preceito humano e rotineiro. (Isaías, 29,13).

Feliz o homem que não transgrediu por palavras da sua boca, e que não foi atormentado pelo remorso dos pecados (Ben Sira. 14,1).

É um homem depravado e um iníquo aquele que caminha com a perversidade na boca. (Provérbios 6,2)



Frei Herculano Alves.

Então, na Bíblia, a boca é importante apenas pela fala?

H. Alves: Exatamente, esta é a função mais importante e muitas vezes, dizer “boca” é dizer as palavras que saem dela. Por exemplo, a expressão “abrir a boca” significa falar (Ezequiel 16,63); “ser boca de alguém” significa falar no seu lugar (Jeremias 15,19); “vigiar a boca” é guardar a vida de alguém (Provérbios, 13,3); o homem prudente “vigia a sua boca” (Miqueias 7,5); “vigiar sobre a própria boca” é não pecar contra ninguém; “pôr a mão na boca” é calar-se: *refrearei a minha boca enquanto o ímpio estiver diante de mim.* (Salmo 39,2)

Mas a palavra “boca” usa-se também como “boca do cheol”, a porta dos infernos (Salmo 141,7); a “boca da espada” é o seu fio (come o que corta; Salmo 149,6); e também se diz que a terra *abre a sua boca* para receber o sangue de Abel derramado por seu irmão Caim e reclamar justiça ao Céu por este crime hediondo (Gênesis 4,11).

Mais ainda, a boca, ou melhor, a fala, é de tal modo importante que se tornou o critério preferencial para distinguir o Deus verdadeiro dos falsos deuses, que eram puras estátuas: *deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que são cegos, surdos e nada conhecem* (Daniel 5,23); e sobretudo não falam:

*Os ídolos dos pagãos são ouro e prata,
obra das mãos dos homens:*

têm boca, mas não falam;

têm olhos, mas não veem;

têm ouvidos, mas não ouvem,

e nariz, mas não cheiram;

têm mãos, mas não apalpam,

e pés, mas não andam,

nem da sua garganta emitem qualquer som. (Salmos 115,4-7)

Assim, o Deus verdadeiro que nos falou pelos seus enviados e mediadores é o Deus verdadeiro, porque os crentes ouvem a sua voz, que se encontra na Bíblia, o grande código espiritual de judeus e cristãos, que é também o grande código da cultura ocidental. Por isso, S. Jerónimo dizia que “desconhecer a Bíblia é desconhecer a Cristo”. E eu acrescentaria ainda: Desconhecer a Bíblia é desconhecer a cultura ocidental, a nossa cultura, que tem na Bíblia as suas raízes mais profundas.

Então Deus também fala? Como é que Ele fala, se não tem boca?

H. Alves: A Bíblia afirma continuamente que nosso Deus é, essencialmente, um Deus falante, primeiramente, porque não é uma estátua muda, morta, como víamos acima. É, portanto, um Deus vivo e, se é vivo, comunica, fala. Mas como está infinitamente acima de nós, simples humanos, Ele tem outros modos de falar, de comunicar connosco: comunica, não com o nosso ouvido, mas com um falar muito mais eficaz e profundo: fala-nos cá dentro, no mais íntimo de nós mesmos, no coração de cada pessoa. Por isso, o grande sábio Santo Agostinho dizia isto mesmo, respondendo a esse Deus que lhe falava, com esta frase lapidar:

“Tu és interior íntimo meo”, isto é, “Tu és mais íntimo ao meu íntimo que o meu próprio íntimo”.

É claro que a nossa sociedade atual, em geral, não está muito interessada em escutar a palavra, a voz do Deus vivo, eterno. Por isso, de várias maneiras e com todos os meios, tapa os ouvidos do coração ao Deus falante, apresentado pela Bíblia, para ouvir outras vozes, as vozes de outros “deuses” e “deusas”, que andam por aí nas televisões e noutros palcos da sociedade atual. Tal como as estátuas dos pagãos antigos, estas “estátuas” do moderno paganismo também não dizem grande coisa à nossa sociedade ou dizem mesmo o que não

deviam dizer. E – pior que as estátuas de deuses pagãos – são tão volúveis que desaparecem de um momento para o outro, ao ritmo das modas, políticas, futebolísticas e muitas outras. Pelo contrário, o nosso Deus é eterno; falou e fala a todas as gerações de todas as culturas, desde o início do mundo. A sua palavra é eterna como Ele, e de tal maneira eficaz que, pela sua boca, tudo foi criado:

A palavra do Senhor criou os céus,

e o sopro da sua boca, todos os astros. (Salmo 33,6)

Então a função de comer não é importante?

H. Alves: É claro que é importante, mas esse assunto não é considerado, em si mesmo, pelos autores da Bíblia pois é algo conhecido e sabido. Esses autores escutaram a palavra de Deus, que os inspirou para recordarem o que mais facilmente esquecemos: a dimensão espiritual da pessoa, em todas as suas valências e possibilidades, incluindo o sentido da boca. Repare que, mesmo na função do comer, a Bíblia aproveita para dar lições de caráter social, de bom comportamento, como acontece nos livros sapienciais. Um exemplo, entre muitos:

Que um outro te louve, mas não a tua boca! (Provérbios 27,2).

Esta outra sentença é ainda mais bela e sábia:

Na boca dos insensatos está o seu coração,

mas o coração dos sábios é a sua boca. (Ben Sira 21,26)

Faz também uma balança e um peso para as tuas palavras,

e para a tua boca, uma porta e um ferrolho. (Ben Sira 28,25)

Então a boca só serve para dizer palavras boas ou más ao nosso próximo?

H. Alves: É claro que não. Assim, por exemplo, os profetas são inspirados pelo espírito de Deus e a sua boca abre-se para proclamar ao povo a palavra de Deus (Isaías 6,7). Como dizíamos acima, a boca é também o órgão que responde ao Deus vivo, falante, com a oração de súplica, mas sobretudo com o louvor a Deus. O livro bíblico dos Salmos é disso o melhor exemplo:

Em todo o tempo bendirei o Senhor; o seu louvor estará sempre na minha boca

Enaltecei comigo o Senhor; exaltemos juntos o seu nome. (Salmo 34,3-4)

Portanto, da boca saem também coisas boas, ou melhor, palavras boas; mas como dizíamos, a boca diz apenas o que está dentro do coração dos homens e das mulheres de hoje e de sempre. Portanto, a boca é também a janela por onde verificamos o que vai no coração do outro e vigiamos o que vai no nosso. Daqui poderíamos extrair uma conclusão importante que a “boca” nos ensina: O melhor “tratamento” que podemos fazer à boca é vivermos mais preocupados com o que vai no nosso interior, no coração, no sentido em que vimos falando. O médico dentista não resolve estes problemas, nem é da sua competência.

Então, o Frei Herculano está a desviar as pessoas de irem ao médico dentista?

H. Alves: Não. Estou apenas a falar de outro “órgão” mais importante, que toca a cada um cuidar. Esse órgão, como víamos acima, está de tal maneira unido à boca, que não podemos falar desta, sem ter em conta esse outro órgão, o “coração”, isto é, o mais íntimo de cada pessoa. Ora, o médico dentista apenas trata a boca física dos clientes, mas não atinge o outro órgão. Não consegue chegar lá dentro!

Obrigado. Foi uma conversa, no mínimo, interessante. Afinal, “a boca” levou-nos longe! ■